



Maria Helena Braga	• mhelena.braga@iqe.org.br
Maria Sidalina Gouveia	• sidalina.gouveia@iqe.org.br
Cristina Luiza Garbuio	• cristina.garbuio@iqe.org.br
Maria Teresinha Figueiredo	• mteresinha.figueiredo@iqe.org.br
José Gayoso	• jose.gayoso@iqe.org.br
James Zomighani	• james.zomighani@iqe.org.br

O compromisso da escola com a visão de futuro

Maria Helena Braga
Supervisora Pedagógica de
Programas do IQE – Instituto
Qualidade no Ensino

Um tema recorrente na literatura voltada para a educação é a visão de futuro que todo sistema e toda escola devem ter. Estranho, não? Ainda mais quando são frequentes, nos meios escolares e fora deles, afirmações como “o aluno do século 21, estuda em uma escola do século 19, com professores do

século 20”.

Se por um lado há grande tendência para que moldes antiquados sejam infinitamente reproduzidos, por outro, há uma significativa área formada por educadores e pesquisadores da educação preocupada com as mudanças na estrutura educacional, necessárias ao pleno desenvolvimento de seus alunos.

Um dos fatores que têm influenciado essa reflexão refere-se às novas teorias de gestão que apontam a conciliação entre a crescente autonomia das instituições e assunção da responsabilidade pelas equipes de educadores de cada estabelecimento de ensino, como

condição imprescindível para uma melhor qualidade no ensino.

Os educadores, que compreendem a escola como integrante do processo de inserção dos indivíduos na sociedade, têm consciência de que as ações da instituição vão muito além no tempo e no espaço delimitados pelos “muros” escolares.

Como estará a sociedade daqui a tantos anos? De que tipo de formação os alunos precisam para se colocar bem nessa realidade? Como vemos nossa escola no futuro? O que é preciso realizar no presente para garantir, o máximo possível, o alcance dos objetivos propostos?

São perguntas cujas respostas requerem reflexão, projeção, planejamento e muita ousadia.

Não se trata de elaborar projeções futuristas, com ênfase na parafernália tecnológica que certamente se fará cada vez mais presente no cotidiano das pessoas. Isso é apenas um dos pontos. Mas há, também, precisão de contribuir para a formação de seres que saibam ponderar, que tenham recursos internos para decidir, que tomem iniciativa, que compreendam a relação indissociável entre o todo e suas partes, que sejam competentes em seus conhecimentos e que saibam usá-lo para o bem

coletivo.

Da mesma forma, não se trata de implantar modismos, ou seja, o novo por si mesmo. A visão de futuro implica, necessariamente, na capacidade da equipe escolar diferenciar o que é preciso do que é imposto, com a clareza de que nem toda tradição é negativa e nem toda inovação, positiva.

As equipes gestoras das escolas exercem importante papel na construção coletiva da visão de futuro. São elas que orquestram o levantamento das demandas e expectativas, organizam espaços e tempos para as discussões, providenciam recursos, sintetizam os dife-

rentes pontos de vista e os consensos. Elas conhecem melhor o “todo” da escola, identificam pontos fortes e fragilidades da cultura da organização escolar e podem atuar de modo a torná-los claros a todos os seus integrantes.

A rotina diária das instituições escolares é tão mobilizadora, que, muitas vezes, toma conta absoluta das energias individuais e coletivas. Mas é preciso, e muito, que os educadores ultrapassem o “aqui e agora”, que quebrem o círculo vicioso de “remendar” o dia a dia, e se projetem metas ambiciosas, compatíveis com a função socializadora para a qual a escola está destinada.